

verdade, que os melhores Teólogos reprovaram esta introdução: ainda que o abuzo ao despois venceo, e introduzio o que primeiro se condenou. E nenhum Pontífice condenou nunca a Faculdade Pariziente, ou aos mais Teólogos, por terem censurado S. Tomaz, e os mais que o seguiram, nesta materia.

O segundo erro está em dizerdes, que S. Tomaz com os principios de Aristoteles escreveu *contra Gentes*. O Santo escreveu contra eles com os principios da boa razão, e nam com os de Aristoteles, que nam podem servir para convencer Idolatras. Era melhor nam falar no que nam sabeis, nem entendeis, do que escrever tais falsidades.

Daqui tambem se vê a falsidade desta vossa proposição: (1) *Que para a pura dogmatica é que serve a Historia Ecclesiastica, e a Civil pouco lhe serve.* Assim fala quem nam sabe que coisa é dogma. O principal ponto da nossa Religião é a verdade de ambos os Testamentos. Esta nam se prova se nam com a fundada noticia da Historia Profana. Lede o famoso Huetio na sua *Demonstração Evangelica*; e vereis que se serve de toda a Historia para isto. O outro ponto principal da Dogmatica Cristian é a Vida de Cristo. Para mostrar a verificação das Profecias de Daniel é necessario recorrer à historia antiga profana; e sem isto nam se prova. O Testamento velho pela maior parte é uma historia. A intelligencia de muitos lugares nam se alcança sem a historia profana. A historia Ecclesiastica dos primeiros seculos encadeia de sorte com a historia dos Imperadores, que Monsieur de Tillemont escrevendo a historia dos primeiros seis seculos da Igreja, vio-se obrigado para o dito effeito a escrever a vida dos Imperadores dos ditos seculos. Milhares de definições de Concilios, principalmente Gerais, nam se podem entender sem a historia desse tempo, nam só Ecclesiastica, mas Civil. Nam quero mais provas, porque estas bastam, e nem menos vós as entendeis.

Tambem daqui se mostra ser falsa a vossa proposição; (2) *Quanto à lei, em que o Critico ordena, que na Teologia se nam introduza a razão natural, salvo se for necessaria para explicar os dogmas, nam estamos por ella, por ser feita sem legitima autoridade, e tambem ser contra a mesma razão.* Mas por forsa aveis de estar por ella; porque se segue da definição da Teologia: a qual como se funda em principios revelados, nam podemos servir nos da razão, senam para confirmar os dogmas, e tirar conclusões deles.

Isto mesmo ordenaram todos os PP. antigos. S. Agostinho diz; *Nihil salubrius in Ecclesia Catholica fieri, quam ut rationem precedat autoritas.*

(3) *Ut in quibusdam rebus ad doctrinam salutarem pertinentibus fides precedat rationem.* (4) S. Cirilio: *Post fidem cognitio sequitur, non illam antecedit*

I ii

cedit

(1) *Reflex. Apol. p. 50.*

25.n. 46.

(2) *Ibid. pag. 52.*(4) *Epist. 222.*(3) *L. de Morib. Eccles. Cathol. c.*

ecclie. (1) S. Joam Demasceno: Porro docet Reginam ancillarum quarundam uti ministro. Accipiamus igitur doctrinas istas, tanquam veritatis famulas; & impietatem, qua tyrannico dominatu sibi eas usurpaverat, procul amandemus: neque bono male utamur; nec ad circumveniendos simpliciores convertamur artem illam disputandi. (2) E S. Tomaz de Aquino diz o mesmo: Utitur etiam sacra doctrina ratione humana, non quidem ad probandam fidem, sed ad manifestandum aliqua alia, qua traduntur in hac doctrina. Cum igitur gratia non tollat naturam, sed perficiat, oportet quod naturalis ratio subserviat fidei; sicut & naturalis inclinatio voluntatis obsequitur Caritati. (3)

Os melhores Teólogos excitam a questam: *Se a Filosofia é necessaria ao Teólogo?* e respondem uniformemente: *Humanam rationem fidei subijci debere, non præponi: ei subservire, non dominari.* Assim responde o Tournelly, (4) o Berti, (5) e os mais. E finalmente nam apparecerá um só autor dos que tenham nome, e escrevesem nestes ultimos tempos, em que as Ciências se restauraram, que excitando a questam, nam responde do mesmo modo; e nam prove largamente, que a razam só tem lugar na Teologia, em quanto serve para aclarar os dogmas, ou provando aqueles, que são notos *lumine natura*; ou desfazendo os argumentos contra os outros, que só constam pela revelasam. Donde se segue, que o Critico dise o que dizem todos os que entendem a materia. Mas isto para vós, torno a dizer, é Grego, e Ebreo.

Aqui mesmo dizeis duas grandes falsidades: Primeira: *Que o Critico diz que o Concilio de Trento acabou no ano 1650.* (6) Segunda: *que encomenda que esindem por Origenes cheio de Erezias.* (7) Leia-se toda a carta do Critico, nam se acharám semelhantes propozisoens. Vós lestes no Critico estas palavras, (8) *desde o fim do XIII. seculo até o Concilio de Trento no meio do XVI.* e logo com a vosa Logica inferistes, que o Critico asentou, que tinha acabado em 1650. Se loubeseis, que o Concilio de Trento foi celebração bem no meio do XVI. seculo, nam cairieis em tal erro.

Dizeis mais, *que a questam do principio que em termos se tratou no Concilio Florentino.* (9) E eu digo que é mentira: porque dos cinco pontos, que se trataram no tal Concilio, os dois primeiros, que pertenciam à Trindade, foram estes, e nada mais: *Se o Espirito Santo procedia do Pai, e do Filho, como de um principio: = Se se devia conservar a palavra Filioque no Simbolo.* Isto provouse com autoridades de Escrituras, e SS. PP. Gregos, e Latinos; e nam com questoes Metafizicas. Nem os Gregos, e muito menos Marcos Arcebispo de Etezo, e Bessario Arcebispo de Nicea, eram

(1) L. IV. Comment. in Joan.

(2) Dialogor. primo.

(3) I. p. q. 1. a 8. ad 2.

(4) Loco supra citato, art. 4. conclus. 2.

(5) Loco supra, cap. 2. propos. 3.

(6) Reflex. pag. 48.

(7) Ibid. pag. 53.

(8) Tom. 2. pag. 162.

(9) Reflex. pag. 51.

eram omnes capaces de se deixarem persuadir com termos Escolasticos; pois eram capazes de negar a luz do meio dia. E o mesmo fizeram os Latinos por boca de Fr. Joam: *Videtur inter nos illud constare debere, sacra Scriptura, testimonia, Sanctorumque Patrum, quos secundo loco Ecclesia Sancta recipit, sententias in his disputationibus afferendas: habendasque esse veluti quosdam terminos nostrae disputationis, quos transgredi non liceat, aut argumentanti, aut respondenti.* (1)

Se nas disputas particulares algum dos Latinos, como Fr. Joam de Montenegro Dominicano, ou Joam Bispo de Forli, se servio de alguns termos Escolasticos, isto nam e o mesmo, que ter necessidade o Concilio da tal questam para definir o dogma, ou tratarle em termos a questam no dito Concilio. Leia V. P. o Concilio *in fonte*, e nam nas postilas, como fez quando copiou as suas; e nam nos venha ca vender sonhos por decizoens do Concilio Florentino.

Diz mais V. P. (2) que fez muito mal o Critico em dizer, que o Belarmino nam da cabal solusam aos argumentos; e que devia apontar qual era o argumento, que nam solta bem. O Critico nam escrevia uma disserta-fam, mas uma carta; e nam devia apontar os argumentos, quando só incidentalmente tocava o tal ponto. Que pois o Belarmino nam responde bem, e nam explique bem muitos argumentos, isto só nam sabe quem nunca estudou Dogmatica. Va V. P. a Roma, e fale com o P. Berti, que esta actualmente compondo nestas materias, que ele lho dirá muito bem: ou tambem confronte o Belarmino com os outros Dogmaticos modernos, e entam verá se disse bem o Critico. Mas isto e para quem o entende. O Belarmino traz bem os argumentos; porque os copiou fielmente dos mesmos Erejes: muitas soluçoens nam explicou bem para o noio tempo; porque seguindo o metodo Escolastico foi demaziadamente breve; e porque os Erejes depois disto, tem escarafunchado muitas mais coizas. Isto e o que diz o Critico, e entendem todos os que sabem a materia. E isto nam prejudica nada ao merecimento de Belarmino respectivamente ao seu tempo; pois só neste sentido e que o louvam todos.

Aqui mais se escandaliza V. P. dizendo, que o Critico mete medo aos Teologos com dizer, que os Judeos tem fortissimos argumentos. V. P. tem virtude particular para calumniar, e troncar as propozicoens. O Critico só fala dos Teologos *Escolasticos Peripateticos*, (3) v. g. como V. P. que sam Teologos de agoa doce. E destes diz com razam, que nam sabem responder aos Judeos. E senam fasa a experiencia: fale com algum destes Judeos de Olanda, ou de Salé, &c. e verá se nam lhe succede o mesmo, que succedeo aos Jezuitas de Gibraltar. E quem poderá duvidar do mau successo, vendo que pondo V. P. nas suas postilas (4) um titulo muito formozo de

Existen-

(1) *Sess. XVII.*

(2) *Reflex. pag. 51.*

(3) *Tom. 2. pag. 17.*

(4) *Tom. 1. part. 2. pag. 6.*

Existencia Trinitatis, e querendo provaia contra os Judeos, os fundamentos que dá se reduzem a um paragrafinho de dez regrinhas; e passa logo às Metafizicas. É parecelhe ser este o verdadeiro modo de provar o mysterio da Trindade?

Alem disto, no seguinte tratado, em que promete tratar da *Incarnação do Verbo*, dizendo mil metafizicas inutilissimas, teve tanto que fazer com elas, que totalmente se esqueceu de tratar a principal, e fundamental questam: *Existit Incarnatio Verbi*. E se V. P. nestes dois tratados, que são os que nos separam dos Judeos, nam provou o que devia; com que cara nos diz; ou que os Escolasticos provam mui bem os Dogmas, ou que podem confutar os Erejes, e Judeos com esta casta de Teologia? Leiam os que duvidam todas as disputas de V. P. e achará, que em lhe cheirando a dogma, supoem a coiza certa, e definida, e vai-se safando para a Metafizica, para poder dizer coizas muito engenhozas. Desorte que se ouvemos de julgar pelos seus escritos, podem dizer que nam sabe mais Dogmatica, que a que pode ensinar a Cartilha do Mestre Ignacio. E se V. P. sendo um Mestre em Teologia tam celebre, caie nestes erros, e defeitos, que quer que suspeitemos dos outros, que nam chegaram à sua erudisam?

E se o Critico em outra parte (1) diz, que os Judeos tem omens doutifimos; e que sem ter grande erudisam é perigozo falar com eles nestas materias, nam diz mais que aquilo, que experimentam todos os dias os Catholicos, que tratam com eles, ou escreveram contra eles. Ora ouça V. P. o que a mim me succedeo uma vez, quando eu nam lia mais que Escolastica.

Por acazo encontreime em Italia com um Ebreo moço de 22. anos, chamado Abraam de Capua. Vendo-o de tam poucos anos, e de boa percesam, cuidei de o convencer às duas palhetadas. Mas logo que lhe toquei os pontos da dificuldade acerca da vinda do Messias, achei que o dito moço nam sómente lia, e falava as linguas Ebraicas, Caldeia, e Siriaca com maior facilidade, e intelligencia do que eu a Portugueza; mas que tambem sabia de memoria todo o Testamento velho, as interpretaçoens dos seus Rabinos, e alem disto a Teologia particular deles, a que chamam comumente *Kabala*; como se le em Pedro Galatino, Arcangelo Burgonovense, Joam Reucolino, Joam Pico de Mirandola, e em outros muitos Autores Catholicos, que escreveram sobre a mesma materia. Confesolhe a verdade, que me vi bem apertado; porque era incrivel a erudisam, e agudeza, com que o tal Ebreozinho explicava o sentido dos pasos, que eu lhe alegava: e muito me custou acabar onradamente a disputa. Dezejára que V. P. se achásse ali presente, para ver que saída dava às ditas dificuldades com as suas Metafizicas, e sutilezas Peripateticas; ou como manejava os textos da Vulgata por meio dos termos Escolasticos. Mas V. P. nunca se vio nestes banquetes.

E

(1) Tom. I. pag. 110.

E nam cuide que os Ebreos só sabem de contratos, como se poem: tem escolas publicas, e Doutores nelas, que sabem muito mais, do que V. P. nam imagina. Leia o Basnage na *Historia dos Judeos* nos ultimos seculos, e entant-saberá, se tem omens grandes, principalmente em Olanda, Alemanha, Polonia, Ungria, e Turquia: e mais o Basnage nam era Judeo.

Finalmente fecha V. P. esta sua Reflexam com outra calumnia, dizendo, que o Critico no fim da sua carta se vai desdizendo pouco-a-pouco, e ja vai admitindo Escola Media, e Tomistica, &c. O Critico em nenhuma parte se desdiz; porque em nenhuma parte disse o contrario. O Critico fala das paixoes, que cada um toma pela sua Escola: e diz (1) que cada um pode defender a sua opiniam sem dar em extremos. Que ele nam condena estas Escolas veneraveis. Se a Igreja as permite, que as permite ele tambem. Onde se acha aqui a retrataçam? Por ventura disse em alguma parte, que se nam explicassem estes pontos fundamentais da Escola segundo as diferentes Escolas? Demais, que defende o decreto prædeterminante, ou concomitante, ou a Ciencia Media, ou a pura doutrina Agustiniana, tem necessidade por ventura de defender, e inventar mil questoes ridiculas; que se disputam na Escola, e que de nenhum modo dependem desta? Como á de provar V. P. isto? Pois em quanto o nam prova, nam prova nada contra o Critico. E eu posolhe mostrar o Gotti, o Berti, o Boucat, &c. que defendendo as suas Escolas nam introduzem estas ridicularias. Isto é na supoziam de que o Critico as aprovase: mas ele nam diz tanto; diz *as tolera, e permite*, e sabe Deus porque motivos. E isto está muito longe do cazo, que V. P. supoem.

Mas paraque é tanto trabalho, se o Critico se explica aí mesmo? Diz ele: *Especialmente digo isto, falando do metodo: pois é certo que á de ser muito preocupado, quem nam conhecer que este metodo Escolastico fundado sobre a Filosofia Aristotelica, nam é proprio para a Teologia.* Aqui tem V. P. que o autor fala dos Escolasticos Peripateticos, e destes, que cegamente abraçam o seu sistema, e condenam tudo o que nam entendem. Este é o argumento daquele paragrafo; e nam o aprovar, ou reprovar as Escolas, as quais nam pertencem nem ao fim da carta, nem do dito paragrafo.

E eis aqui temos a sustancia da critica que fazeis á carta da Teologia. Deixo de parte as outras coizas frivolas, que escrevestes, por nam me demorar tanto, e por nam ser decoro meu imitavyos em cenurar palavrinhas. E achais vós que com isto tendes mostrado, ou que o metodo de Portugal é bom, ou que o que aponta o Critico é mau, ou finalmente que o Critico nam sabe Teologia Dogmatica, como dizeis claramente em uma parte? Achais, digo, na vosa consciencia, que tendes provado algum destes

(1) Tom. 2. pag. 184.

tes tres pontos? Pois se nam avieis de provar nada disto, para que fizeste esta critica? para que vos quizestes envergonhar a vós, e a nosa Religiam, que tem tantos omens grandes, e que sabem falar nas materias com profundezza, e penetralam? Esta é a critica de um omem Mestre em Teologia, e autor de tomos *in folio*? Nam era melhor estares calado, do que sair a publico para mostrares claramente, que nam sabieis que coiza é Teologia: e ainda encima insultar o Critico, dizendo *que nam sabe nada*? Contelo-vos que estou envergonhado de ver tantas calumnias, e falsidades, quantas creveis nesta carta; e pasmam comigo todos os omens prudentes da conliança, com que apparecestes neste teatro literario.

Propozisoens censuraveis.

Mas aqui diram outra vez os vossos Discipulos: Devagar com isto, que ainda temos um sacco de *propozisoens ereticas*, ou quazi ereticas, que o Critico introduz em toda a sua obra. Vejamos se o sam.

Diz o Critico; (1) *O peccado de noso primeiro Pal nos trouxe por castigo sermos sujeitos ao engano: e por pena do mesmo peccado se nos limitou a esfera da nosa perspicacia: nam conhecemos tambem como ele, e somos mais sujeitos a conhecer mal.* E mais abaixo. *Por isto nós pecamos, e pecando nos desviamos da verdade da lei Divina, que é tam conforme a boa razam; porque nam damos atensam à dita verdade.* Aqui diz S. P. que à falsidade, e *aliquid sapiens haesim.* Mas toda esta caraminhola, que aqui fazeis, ultimamente nam prova nada: porque deixando o sentido obvio, e natural da propozitam, tirais mil consequencias galantes, e com elas fazeis toda abulha. Se vós olhaseis para tudo o que diz o Critico neste paragrafo, verieis que nam avia motivo para a censura.

Primeiramente, que a *ignorancia* seja uma das penas do peccado de Adam, isto ninguem o duvida senam vós. S. Agostiuho a prova expressamente contra os Pelagianos. *Sunt re vera omni peccanti anima duo ista prænalia, ignorantia, & difficultas.* (2) *In illas igitur ignorantia densissimas tenebras, ubi anima infantis recentis ab utero, utique anima hominis, utique anima rationalis; non solum indocta, verum etiam indocilis jacet; quare, aut quando, aut unde contrusa est?* (3) Que pois a ignorancia seja a fonte da maior parte dos nosos erros, tambem nenhum omem de juizo o pode duvidar, se refletir nas cauzas, porque comumente erramos. *Approbare falsa pro veris, ut erret invitus, non est natura instituti hominis, sed pena damnati:* (4) diz o mesmo S. Doutor. Pois isto mesmo é o que diz o Critico no tal lugar. Ali nam se disputa, se Adam podia enganarse antes de pecar: bem claro é, que se enganou. Busca-se a raiz dos noios erros, e

(1) Tom. 1. pag. 253.

(2) Lib. 3. de Liber. arb. c. 18.

(3) L. 1. de peccat. merit. c. 16.

(4) L. 3. de Liber. arbit. c. 18.

enganos, e acha-se na pena de Adam: que é o que basta para verificar a proposição do Critico.

Vamos a segunda: Que a *concupiscencia* seja outra pena do primeiro pecado, também não duvidará ninguém que tober o que S. Agostinho escreveu nesta materia contra Juliano, (1) e o que dizem as Escrituras, e Concilios. Que pois a concupiscencia nos arraste para outros objetos, e nos impida dar atençãõ à lei natural; isto confessam todos com S. Paulo: *Videò aliam legem in membris meis repugnantem legi mentis meæ; & captivantem in lege peccati, quæ est in membris meis.*

Pois isto em instancia é o que diz o Critico. Nam examina ali o Critico, se um homem para pecar, deve ter advertência: já se sabe que para pecar se requer conhecimento da lei, que o proibe. O que diz é, que arrastado pela fantasia para objetos sensíveis, não dá à verdade aquela atençãõ, que era necessária: porque se a dese, se examinãõ bem fundamentalmente a conformidade do preceito com a razão, comumente não pecaria. Pois vemos comumente, que quem considera, e examina bem os preceitos da lei Divina, ou Natural, e os tem sempre diante dos olhos, difficilmente peca: (supomos o auxilio da graça com todos os mais requizitos) e por isto a Escritura aconselhava aos Judeos, que trouxessem sempre a lei na frente, &c. o que os Farizeos interpretavam mal, trazendoa escrita em fitas de pergaminho.

Digame agora, meu P. do paladar exquisito, *que erexias lhe não sabem nesta explicação?* Nam sabe V. P. que para criticar uma proposição é necessário ter sempre diante dos olhos o contexto do livro, e o fim que teve o autor? Pois se V. P. assim o observãõ, logo acharia que nas tais proposições do Critico não havia nada que censurar. Se eu quizesse inferir consequências das suas proposições, mostraria que V. P. não é Ereje, mas Ezeziarca, pois diz coisas bem más, e perigosas, e diametralmente opostas à doutrina da Igreja: mas como fala por ignorancia, por isto lhe perdoo.

A segunda proposição eretica é esta: *O acidente da cor consiste na diversa disposição da superficie de um corpo, que reflete a luz: que é o mesmo que dizer, que não é uma entidade distinta da substancia.* (2) Esta proposição diz S. P. que se não ajusta bem com a condemnacão da segunda proposição de Wickleff. Isto mesmo repete S. P. na Reflexão X. querendo provar com particular Filosofia, que Wickleff admitio dois erros: primeiro, em admitir a substancia do pão no Sacramento: segundo, em admitir a substancia, e mais os accidentes no mesmo Sacramento: de que tudo se infero, que não são identicas ambas as proposições. (3)

Diz mais S. P. que a Graça santificante é inerente à alma do justo, como diz o Tridentino: logo é forma accidental distincta: e diz muito mal

K

o Cri-

(1) Veja-se o L. IV. c. 13. & 28. e o L. VI. c. 14.

(2) Tom. 2. pag. 11.

(3) Reflex. Apol. pag. 33.

o Crítico, que os SS. PP. a explicáram diferentemente: (1) porque nam só a grafa fantificante, mas também os abitós sobrenaturais, a grafa auxiliante, os atos do entendimento, e da vontade sam coizas distintas da alma, e nam sam sustancia. *Os que vamos direitos com os dogmas da Fe, chamamos-lhes formas accidentais: Logo, &c. sam palavras tuas na Reflexam IX. pag. 38.*

Diz mais S. P. (2) *que sendo a alma racional sustancia, e nam materia, poderemos chamarlhe forma: como lhe chama o Lateranense V. logo temos muitas mil formas sustanciais. Prova o mesmo das almas dos peixes, &c. logo temos almas materiais.*

Esta é toda a critica, que fazeis ao sistema moderno: para responder à qual cabalmente, seria necessario mais tempo, e papel; e seria também precizo, que vós tiveseis lido materias, que nam sabeis: e assim responderei por outro estilo mais breve.

Comecemos por Wickleff. Men Fr. Arsenio, se um omem no meio de Lisboa disese, e defendese, que a ostia consagrada nam era redonda, nem branca, nem gostosa, nem cheiroza, ou pezada: e que o vinho depois de consagrado nam tinha cor, nem gosto, nem cheiro, nem peso, nem fluidade; estou certo que o nam mandavam para o Santo Officio, mas para o Ospital: e o mesmo sucederia a Wickleff se tivese dito o mesmo. E assim querer defender que o Concilio definio o que se esta vendo, é ser louco.

Nenhum Istorico, ou Dogmatico atéqui dise, que Wickleff, negára os accidentes; mas todos dizem que negára a sustancia. Assim o entenderam todos os que o condenáram: e assim se explicou o mesmo Wickleff: *Hostiam consecratam esse corpus Christi tantum in figura, & verum panem in natu a: seu verum panem naturaliter, & corpus Christi figuraliter.* (3) As censuras dos Teologos, que se acham no Concilio, tomam as ditas duas propozisoens no mesmo sentido. E note de caminho, que o Cardial Allia-
co, que foi um dos Padres do Concilio diz: *Quod accidentia panis manent ibi, hoc infertur ex eo quod supponitur, quod substantia panis transubstantiatur, & accidentia panis sint aliud ab ejus substantia. Istud autem secundum nec est evidens, nec est in Scriptura expressum, nec ab Ecclesia determinatum: sed est unum probabile, tamen receptum ab iis, qui sequuntur Philosophiam communem Peripateticorum. Sed si esset aliquis, qui diceret oppositum hujus, non esset propter hoc tanquam hareticus habendus.* (4) Note bem

(1) Ibid. pag. 33.

(2) Reflex. Apol. pag. 30.

(3) Sam palavras suas na Sess.

(4) In IV. Sentent. q. 6. art. 3.

Franciscanos de Veneza.

XV. do Concilio Constant. Veja-se o P.

Labbe Jezuita no tom. XVI. dos Conci-

lios, col. 242.

do Mss. que está na Aiblioteca dos PP.

bem isto, meu Padre das erezias. O mesmo achará no P. Fortunato de Breícia *de Accidentibus*.

Na Bula de Martinho V. contra os erros de Wickleff, Joam Hus, e Jeronimo de Praga, dada no Concilio Constancienſe no ano 1414. quando se ordena o modo de conhecer os que ſam ſeus ſequazes, ſe poem varios *itens*, nesta forma: *Item, utrum credat, quod poſt consecrationem sacerdotis, in Sacramento Altaris, sub velamento panis, & vini, non sit panis materialis, & vinum materiale, sed idem omnino Christus, qui fuit in cruce passus, sedet ad dexteram Patris. Item, utrum credat, & asserat, quod facta consecratione per sacerdotem sub sola specie panis tantum, & prater speciem vini sit vera caro Christi, & sanguinis, & anima, & Dicitas, & totus Christus, ac idem corpus absolute, & sub una qualibet illarum specierum singulariter.* Que coiza mais clara para mostrar o que julgou o Concilio, e o Pontifice do erro de Wickleff? que ocaziam mais oportuna para dizer: *Item, utrum credat, quod accidentia sunt in Eucharistia: quod substantia panis, & vini sit distincta ab accidentibus, &c.*

Mas para nam estar perdendo tempo, explicando-vos estas materias, que tendes estudado: direi brevemente, que esta opiniam, que defende o Critico, e o sistema moderno, que impugna os accidentes Peripateticos, ſam opinioens Catholicas, nam ſó toleradas pela Igreja, mas defendidas publicamente em Roma. E baſte-vos por prova, que o P. Fortunato de Breícia Franciscano, leitor publico de Filozofia moderna na dita Universidade, entre varias obras que publicou de Filozofia moderna, imprimio um tomo, em que prova este sistema dos accidentes, o qual de dedicou a Monsenhor Fonſeca Bispo do Porto em 1740. e ninguem atequi lhe chamou nomes, nem foi condenado por eſa cauza. E os ſeus Religiozos defendem o mesmo em Roma. Agora ſe vós ſois; ou quereis ſer mais Catolico que o Papa, ilo deixo eu julgar aos pios leitores. Entretanto o Critico pode dizer, que vos nam quer obedecer, porque nem ſois Papa, nem ſabeis o que dizeis.

Esta mesma ſoluſam, baſta para todo o sistema da graſa, que ſe explica maravilhozamente ſem formas distintas, e ſe defende em Roma publicamente em concluozens dedicadas ao Papa, e Cardiaes, ſem que atequi foſem os defendentes caſtigados por Erejes. E os Eſpanhoes, que vós dizeis, *que tem juizo em ſeu lugar*, já á muito tempo que tem abraſado o mesmo sistema. Baſte por prova o P. Toſca Filipino da Congregação de Valenſa, que nas ſuas obras de Filozofia defende o sistema Atomistico; (1) e o sistema da graſa, ſegundo as opinioens de Maignan, e Saguens; e contudo foi muito louvado pelos revizores, e aprovado pelo Santo Oficio de Eſpanha.

Nem é difficultozo responder ao que vós alegais pela voſa parte; pro-

(1) Tom. 2. de *Phys. general.*

que nam mostrareis nenhuma definição de Concilio, que diga, *que a Alma racional é forma substancial no sentido Peripatetico*: ou também, *que a graça santificante, e abitós sobrenaturais, &c. são accidentes no mesmo sentido Peripatetico*. Em quanto nam provais isto, falais, e nam provais nada; porque todas as expressões dos Concilios admitem os modernos: mas como sabem que os Concilios nam definiram estas questões especulativas, mas só definiram os dogmas; explicam as palavras segundo o seu sistema: da mesma sorte que os modernos abraçam as palavras, *materia, forma, e uniam*, sem abraçarem as ideias, que os Peripateticos unem às ditas palavras. Isto é em quanto V. P. nam manda vir de Roma alguma definição, que nos proiba explicar as palavras *materia, forma, e accidentes* fora do sentido Peripatetico; porque entam logo nos calaremos.

Sobre o dizer o Critico, *que os SS. PP. explicaram a graça sem recorrer à forma accidental distinta*, isto só o nega quem como V. P. nam sabe nada de historia, nem de dogma. Todos sabem, quam debatida foi a questão da graça contra os Pelagianos, e Semipelagianos, e o quanto S. Agostinho trabalhou, e escreveu nesta materia. Nam mostrará V. P. que S. Agostinho se servisse nunca das formas accidentais Peripateticas para a explicar, nem apparecerá texto que diga tal loucura. E como se havia de servir delas S. Agostinho, se ele era Platonico Alexandrino, e estes nam admitem tais *formas distintas*? Alem disto, o S. escrevia no IV. e V. seculo: e elas introduziram-se na Teologia no seculo XIII. E todos os que trataram a mesma materia neste meio tempo, se explicaram sem formas Peripateticas.

O famoso P. Berti Agostiniano, um dos maiores Teologos Romanos, que expoz a doutrina de S. Agostinho largamente, e que por ordem de Benedito XIV. no ano 1747. respondeu a certos Medistas Francezes, especialmente ao Bispo de Rhodes, que em um escrito calumnioso lhe chamou Jansenista, e Bayano; este P. digo, explicando a doutrina de S. Agostinho neste ponto, nega que a graça atual seja qualidade, e diz que consiste somente *na illustração do entendimento, e deleitação da vontade*; (1) os quais atos ele explica pelo modo de Maignan. Nam se a fuste V. P. nem cuide que é Jansenista; porque a Sé Apostolica tem examinado ja muito bem esse ponto contra os seus acuzadores, e o declarou Catholicissimo. Onde o que disse o Critico, nam é coiza nova, mas velha entre os Teologos de alto bordo, e nam de agoa doce, como V. P.

Quarta propozisam eretica; *A natureza humana de Christo unida à Pessoa do Verbo nam é pessoa humana, mas Divina*. (2) Aqui S. P. nam obstante todas as interpretações, que dá a esta propozisam, nam acha sentido, que possa ser catolico; e assim decide Conciliarmente, que é eretica,

ou

(1) Tom. 3. de Theolog. Discipl. p. m. 140. & seq. (2) Tom. 2. p. 13.

ou blasfemia. Mas a muita Metálica lhe cegou os olhos do entendimento para nam ver o sentido obvio da proposiçam.

Qualquer que le a tal proposiçam conhece muito bem, que o Critico nam ignora, que a natureza criada nam é pessoa Divina; porque sam duas coizas realmente distintas. Onde vem a dizer somente; *que a natureza humana unida ao Verbo, perde a sua subsistencia, e subsiste na Pessoa Divina.* E nam diz mais o Critico, que o que diz o Simbolo: *Perfectus Deus, perfectus homo, ex anima rationali, & humana carne subsistens... Unus autem non conversione Divinitatis in carnem, sed assumptione humanitatis in Deum.* Quem le esta ultima proposiçam, nam julga, que o Simbolo quiz dizer, que a humanidade era realmente Divindade; mas que subsistia na segunda Pessoa, e que se chamava Deus. O mesmo se pode dizer das palavras, *perfectus Deus, perfectus homo... subsistens.* Estan os no caro.

Agora o que eu acho aqui é, que V. P. nam obstante toda a sua Teologia, diz neste lugar coizas intoleraveis. A sua proposiçam no segundo paragrafo, p. 14. é esta. *Se o Critico confessa, que da natureza humana unida á Pessoa do Verbo resulta perfeito, e verdadeiro homem, mas que este se nam pode dizer pessoa humana, porque para isto é necessario, que tenha subsistencia humana; diz uma grande falsidade; porque para uma pessoa se chamar humana, só se atende á natureza, seja ou nam seja humana a subsistencia: tanto assim, que estas palavras homem, e pessoa humana sam sinonimas.* Confesso-lhe, que nam sei como os revedores lhe deixáram palat esta proposiçam.

Ora deixeme V. P. inferir desta sua doutrina uma conclusam. Logo assim como é verdade dizer com o Simbolo: *Perfectus Deus, perfectus homo... Deus, & homo unus est Christus:* assim tambem será verdade dizer: *Persona Divina, & persona humana unus est Christus:* já que segundo a doutrina de V. P. tanto vale dizer *homem*, como *pessoa humana.* Tirelhe la a prona; sam palavras suas. Mas V. P. tem Teologia para tudo.

Alem disto, expliquenos V. P. porque razam a natureza humana de Cristo unida ao Verbo Divino nam é pessoa humana. Nós, os que vamos coherentes com a fé, entendemos que é, porque lhe falta a subsistencia humana; e porque o ser pessoa humana se nam deve tomar somente da natureza como V. P. diz, mas da subsistencia ser tambem humana, como dizem todos os Catholicos. Onde em Cristo nam é o mesmo ser *homem*, que ser *pessoa humana.* V. P. pode ser que tenha outras razoes incognitas aos Theologos Catholicos, e só proprias de Nestorio, ou Eutiches: e que retratasse aqui, para poder calumniar o Barbadinho, a quella naclima doutrina, que tinha defendido nas suas celebres postilas, onde diz (1) o contrario.

De mais, expliquenos V. P. que quer dizer: *Perfectus Deus, perfectus homo:* Se quer dizer em ambas as partes *puramente natura;* nam se pode entender, como duas naturezas sem subsistencia sam um só Cristo subsistentes:

(1) Tom. 1. pag. 135. n. 267. 268.

sistente: se quer dizer, *duas naturas subsistentes*; tambem fica a mesma dificuldade. E bem se vê, que muitas destas palavras nam se devem tomar sempre no sentido rigoroso; mas segundo o contexto, e mente da Igreja. E isto mesmo succede na proposição do Critico. Quando S. Joani diz: *Verbum caro factum est*: ninguem o toma neste sentido; *O Verbo Divino se fez realmente carne*; mas neste; *O Verbo uno a si a carne*: porque este é o sentido obvio. E o mesmo se deve dizer da proposição do Critico. Onde conclue maravilhosamente S. Cirilo: *Neque enim illam Verbi carnem dicimus factam esse Divinitatem, sed potius Divinam, ut illius propriam. Si enim hominis caro humana dicitur, quid prohibet Divinam dicere eam, quæ est Verbi Divini?* (1) Declaro, que eu nam entendo muito destas materias Dogmaticas; creio firmemente o que diz a Santa Igreja Catolica, e o Simbolo; e somente proponho a V. P. estas dificuldades, para que me diga, quem foi o que cometeo o erro; se o Critico, ou V. P. que é o capataz dos Teologos?

A quinta proposição eretica no mesmo lugar é esta: *Quando a natureza criada se une a uma pessoa Divina, perde o alto dominio, que tinha nas suas afoens, que se ficam attribuindo à Divina.* Aqui V. P. fez a merce ao Critico de lhe troncar as ultimas palavras, que se ficam attribuindo à Divina; para poder columniar o pobre Barbadinho. Mas a isto chamam os doutos ser um calumniador, e impostor prejudicial à quietasam da Republica: porque senam troncase a proposição, veria que pelas palavras *alto dominio*, quiz dizer o Critico, que perdia a sua subsistencia, e subsistia na pessoa Divina, à qual se ficavam attribuindo as afoens, e nada mais.

Sexta proposição eretica: *Omniem que nam despe primeiro por meio da Etica os vicios do animo, todas as afoens deste omem nam sam officios, mas vicios, e maldades. A Politica sem a Etica é arte de enganar, &c.* (2) Aqui S. P. passando de um argumento para outro, porvia de perguntas, e ilações conclue, que o Critico, é Bayano, e que caie na proposição condenada: *Omnia opera infidelium sunt peccata, &c.*

Forte teima de reduzir tudo para as proposições condenadas da Jansenio, e Bayo! Toda a sua doutrina dogmatica se reduz a isto. Meu P. o Critico nam fala ali no sentido Filozofico, ou Teologico; fala no sentido vulgar, e Politico, e diz bem, que a *Jurisprudencia sem a Etica* (que este era o seu argumento) *nam pode produzir senam muitos erros.* Nam disputa, nem tem por fim examinar se o tal omem tinha liberdade, ou nam; mas mostrar os danos, que rezultam ao Jurisconsulto da falta da Etica. E assim é verdadeira a proposição.

Setima proposição eretica: *A Teologia fundada sobre as formas accidentais,*

(1) Lib. 3. contra Nestorium.

(2) Tom. 2. pag. 68.

dentais, e substanciais é prejudicial aos dogmas da Religiam. (1) Já se sabe, que S. P. fai fora de si todas as vezes, que lhe tocam nas *formas distintas*. O seu argumento neste lugar é este: S. Thomaz, e Escoto, que seguiram na sua Teologia as formas, foram louvados pelos Papas: logo é temerario, e alguma coiza mais, dizer, que os Papas louvaram uma Teologia oposta aos dogmas.

Aqui tem V. P. outro filogismo com premisas verdadeiras, e com a mesma forma. Gregorio IX. mandou queimar publicamente todos os livros de Aristoteles no ano 1209. pelas erezias, que produziam, e se julgava podiam produzir para o futuro. O mesmo Papa, e seus successores proibiram por alguns seculos com excomunham a leitura de Aristoteles, e só nos fins XV. e XVI. seculo, por comprazer ao genio depravado de muitos Profesores Parizienfes, se foram tolerando, e permitindo alguns livros; de que naceo o abuzo da introduziam ao depois. O Cardial Alliaco, Gerlon Cancelarios de Pariz, Clamengio, e outros Doutores Teologos clamaram sempre contra o abuzo que os Teologos faziam de meter Aristoteles na Teologia. A Faculdade Parizienfe acuzando Fr. Joam de Montelono Dominicano ao Papa Clemente VII. na sua obediencia *Pontifici Maximo*, diz que os tais erros naceram de se ter introduzido Aristoteles na Teologia; e afirma que S. Tomaz pecára contra o decreto de Gregorio IX. como acima fica dito; e o Papa nam os castigou. O Concilio Lateranense V. condenou as opinioens de Pedro Pompanico, Cezalpino, Fr. Joam Minorita, e outros, que continham o mesmissimo sistema Aristotelico. Logo é temerario, e alguma coiza mais, dizer que tantos Papas, tantos Concilios, tantos Doutores condenaram uma doutrina necessaria, ou pelo menos util à Igreja; e aprovaram a que era prejudicial aos nosos dogmas.

Se nam basta este filogismo, aqui temos outro com a mesma forma. Os Papas modernos, e principalmente Benedito XIV. reformando os estudos da *Sapiencia Romana*, no ano 1747. introduzio diversos Leitores de Filozofia modernissima, e tirou os da Peripatetica. O mesmo se fez no Collegio Apostolico de *Propaganda fide*, onde se instruem sujeitos de todas as naçoens para irem pregar a verdadeira Fé de Cristo por todo o mundo. O mesmo fazem em Roma os Padres das Escolas Pias, que abriram no presente ano novo Collegio em Roma debaixo dos auspicios do mesmo Papa; cuja orafam de *Sapiencia* fez o P. Olivieri Portuguez, que foi de tenra idade para Italia; e la estudou. O mesmo fazem outras Comunidades de Celestinos, Beneditinos, Somascos, de S. Francisco de Paola, e muitos outros. Logo é temerario, e alguma coiza mais, condenar aquilo mesmo, que fazem tantas Comunidades de omens doutos, e reformados; e o que louvam, e mandam fazer os mesmos Papas, ainda que seja contrario às formas Aristotelicas. De-lhe V. P. a solutiam.

(1) Tom. 2. pag. 161.

A resposta direita é a que o Gallico tinha já insinuado no mesmo lugar; (1) que os Papas nunca aprovaram S. Tomaz, e Escoto, *porque defendiam Aristoteles*: antes isto era contrario ás prohiboens, que tinham feito de se explicar Aristoteles. Aprovaram sim o metodo d'elles Doutores naquele tempo, em que nam avia outro mais util: Oje porem o mundo tem aberto mais os olhos, e por isto as coizas se tem mudado totalmente.

Que a Teologia Peripatetica com as suas formalidades seja prejudicial aos dogmas, prova-se, porque tem aberto a porta a mil futilzas, e sotilzas, e erezias; e porque nem é util para os defender contra os erjes. Já no Concilio de Trento reconheceram isto os mesmos Padres. O Cardial Sadoletto escrevendo a Paulo III. diz que por meio dos Escolasticos nunca se concluiria nada; antes se aumentariam as erezias. E o Cardial Palavicini Jezuita, escrevendo a istoria do tal Concilio, diz repetidas vezes, (2) que os Padres ordenaram aos Teologos, que tirassem as decizoens da Escritura, Traditam, Concilios aprovados, Constituiçoens Pontificias, e SS. PP. (isto é dogmatica;) e que se abstivessem de disputas, e questioens superfluas, (isto é Escolastica vulgar.) E se a tal Escolastica fosse util, e boa para defender os dogmas, sem duvida se serviriam dela para condenar as erezias.

Nelè mesmo tempo um Escolastico tam grande, como Melchior Cano, se queixava d'isto: *Intelligo autem fuisse in Schola quosdam Theologos adscriptitios, qui universas quaestiones Theologicas frivolis argumentis absolvent, & vanis, invalidisque ratiunculis, magnum pondus rebus gravissimis detrahentes, ediderint in Theologiam commentaria vix digna lucubratione anicularum.* (3) E em outra parte: *Egit autem Diabolus, quod sine lacrimis non queo dicere, ut quo tempore adversum ingruentes ex Germania haereses oportebat Schola Theologos optimis esse armis instructos, eo nulla profusus haberent, nisi arundines longas, arma videlicet levia puerorum. Ita irrisi sunt à plerisque, & merito irrisi, quoniam vera Theologia solidam effigiem nullam tenebant: umbris utebantur, & eas ipsas utinam sequerentur.* (4) Podia tambem citar alguns Jezuitas, como o Maldonado, Vasques, (5) &c. mas nam é necessario tanto para uma coiza tam clara.

Oitava propozisam eretica: *Deus no estado da innocencia ensinou aos omens muitas verdades.* (6) Quem tal dissera, que S. P. podia tirar daqui uma erezia! pois esprimida na imprensa de S. P. deita uma erezia bem grande. Mas digame, meu P. das erezias; no estado da innocencia nam tinhamos Adam, e Eva? Estes dois individuos nam são verdadeiramente dois omens, asim no sentido da Escritura, como no Gramatical, e Filozofico.

(1) *Histor. Concil. Trident. l. 2. c. 1.*
 G. l. 12. c. 10.

(2) *De locis Theologicis, l. 3.*

(3) *De locis Theologicis, l. 9. c. 1.*

(4) *In 1. p. D. Thomae disp. 3. c. 3.*

(5) *Tom. 2. pag. 136.*

fico? Pois entam, que tem aqui que centurar? Alem d'isso, ainda dado caso que assim nam fosse, nam podia V. P. advertir, que podia o impresor ter acrescentado um S. de mais?

Nona proposiçam eretica: *Da Tradisam nasce a autoridade da Igreja universal, dos Concilios gerais, e da Igreja Romana.* (6) Aqui soltando S. P. todo o pano a sua erudiçam Dogmatica conclue evidentemente, que o Critico e Ereziarca. Dezagrada-lhe muito aquella divizam de *Igreja universal, Igreja Romana, e Concilios gerais*: e finalmente por *fax*, e por *nefax* nos encaixa aqui outra vez Jansenio, e Queinel: que é a quanto chega toda a sua erudiçam Dogmatica.

Primeiramente V. P. nam entendeo o que diz o Critico. Ele nam disputa, se a autoridade da Igreja se funda somente na Escriitura, ou na Tradisam: que isto seria entrar no dogma: diz que saie da Tradisam; porque com efeito com a Tradisam é que se prova, e mais copiozamente: nam de outra sorte do que o misterio da Trindade, e outros dogmas, que confuzamente estavam revelados nas Escrituras; e os quais sem a tradisam nam entenderiamos. E os dogmas, que assim se provam, costumamos dizer que pertencem à Tradisam. Leia V. P. o Duhamel na sua Teologia, e verá que reduz todos os lugares Teologicos intrinsecos a dois, *Escriitura, e Tradisam*. E isto é comum entre os Teologos.

E senam fasa-nos V. P. o favor de nos explicar o sentido das palavras de Cristo a S. Pedro, que la cita, sem ser por meio da Tradisam Apostolica Divina. Fasa-nos tambem a merce de nos dizer, comque fundamentos sabemos, que a Escriitura, de que uza a Igreja, é Divina, senam por meio da Tradisam. Onde quando V. P. diz: *Dixer, que a autoridade da Igreja nasce da Tradisam, é erezia; porque nasce de Cristo*: mostra que nam sabe que coiza é Tradisam, e que a tal Tradisam, de que aqui fala o Critico, é a Tradisam Divina, ou de Cristo; a qual por outro nome se chama *Apostolico-Divina*, como nos inculca S. Paulo, quando diz: *Præcipio non ego, sed Dominus*: e nam a pura tradisam Apostolica, ou Eccliazistica, que o mesmo Santo nos insinua, quando diz: *Cæteris ego dico, non Dominus*. Mas em tudo isto caie, quem nunca leo Dogmatica.

Tudo o mais, que V. P. aqui acumula, provém de nam saber quais sam os lugares Teologicos: que se o soubera, nam se escandalizaria de que o Critico os dividise em dez: *Escriitura; Tradisam Divina; Igreja Universal; Concilios Gerais; Igreja Romana, ou Pontifice, SS. Padres; Teologos da Escola, em que entram os Canonistas; Razam evidente, Filozofos, em que entram os Jurisperitos; e Historicos.*

Esta divizam abraçam todos os Teologos, que tratam a materia. O primeiro de todos foi o famoso Melchior Cano no seu aureo livro de

L

L

Loci Theologici: e depois dele todos os que tocaram o ponto, como o Cardial Gottino primeiro tomo da Teologia, o Tournelli, o Habert, o Berti, e muitos outros, que nam sam janfenistas, mas Teologos Romanos, e Espanhoes, e navito obedientes à S^e Apostolica. E dipto niaguem duvida seiam V. P. que nunca leo Dogmatica; e nem menos sabe, que estes sam os fundamentos da verdadeira Escolastica, que profesa. E aqui meimo connecherà, que os Jurisconsultos Civis devem saber Filozofia, e Etica, porque por eia razam os Teologos os introduzem nos Lugares Teologicos. E assim, melhor fora nam ter escrito nesta materia, do que publicar em cada folha que nam sabe os mesmos fundamentos da sua profiam.

Decima propozizam eretica: *Depois do seculo VI. dilatandose a jurisdicam dos Pontifices nam so sobre os Seculares, mas tambem sobre os Ecclesiasticos*; devia dizer às aveas; *nam so sobre os Ecclesiasticos, mas tambem sobre os Seculares em algumas coizas, &c.* (1) Aqui S. P. com a sua costumada Dogmatica acha um valente erro contra a *jurisdicam do Vigario de Christo*. Nam sei como lhe escapou aqui Janfenio!

Eu podia responder a isto evidentemente; porque a materia nam é de Dogma, é de facto istorico: mas como V. P. nam sabe nada de Istoria, como tem mostrado, perderia eu niso o tempo. Somentemente digo, que se V. P. confesa, *que os Pontifices nos primeiros seculos nam exercitaram toda a sua jurisdicam; nem ainda oje a exercitam muitas vezes contra os Cristaos, por reconhecerem niso inconvenientes*; para que chama nomes ao Critico?

Dilataram os Papas a sua jurisdicam em todos os povos, que se iam fugeitando à Igreja; e no XIV. seculo sobre os Gregos reunidos com os Latinos. Quem pode negar, que esta propozizam seja verdadeira; assim como o é tambem esta: *Dilataram os Portuguezes outra vez a sua jurisdicam na India depois da aclamaram*. Quem pode negar, que em ura, e outro cazo a jurisdicam se dilatou? Saie logo V. P. dizendo: *Diversa coiza e nam exercitar a jurisdicam, ou nam a ter*. Com que no vocabulario de V. P. a palavra *dilatar* significa *uzurpar aquilo a que nam tenho jus*. A prova é tam boa, que nam necessita de mais resposta.

Undecima propozizam eretica: *A autoridade dos PP. antigos é infalivel.* (2) Esta é uma erezia tam desmarcada, que S. P. cheio de zelo verdadeiramente Apostolico, exclama aqui: *Grande erro! Esta prerogativa so pertence à sagrada Escriitura, e definiçens da Igreja*. E aqui nos tapa a boca com uma propozizam condenada por Alexandre VIII. porque S. P. Leo muito os Prologomenos, que se acham na Teologia moral do P. Lacroix, e aqui fez todo o seu estudo Dogmatico: tudo de la saie.

Mas

(1) Tom. 2. pag. 192.

(2) Tom. 2. pag. 181.

Mas neste caso exclamam todos os Dogmaticos : *Grande ignorancia a de S. P.!* por nam saber, que um dos lugares Teologicos, que dam argumento infalivel, é o consento de todos, ou da maior parte dos PP. em materia Dogmatica. Ousa por todos o Cardial Gotti, que nam é janicnista : *Dico quarto: Unanimis SS. Patrum consensus in explicatione S. Scriptura, & in re pertinente ad fidem, est signum à posteriori, & infallibile testimonium Divina revelationis; ideoque certum, & irrefragabile nobis supeditat argumentum. Hanc assertionem omnes Theologi Catholici invicem sustinent contra Protestantes.* (1)

Dirá V. P. pois porque nam dise o Critico, que nam falava de um Padre somente? porque nam sabia, que avia de escrever para V. P. que por nam entender a materia, e querer criticar o que nam estudou, tomou o plural pelo singular.

Aqui tambem exclamam outra vez todos os Dogmaticos : *Grande erro de S. P. em excluir na sua propozitam da autoridade infalivel a Traditum Divina, e a Igreja universal dispersa, e congregada:* quando citas dam tam bem argumento infalivel, como dizem todos os Dogmaticos, com os que acima citei. *Vea agora o Senhor Doutor* (tam palavras suas) *quantos erros dise nesta materia.*

E se o Critico responde, *que a doutrina de S. Agostinho em materia de Grasa deo sempre regra às definiçoens da Igreja:* e que as palavras, *non respiciens ad ullam Pontificis bullam,* so se applicam ao Critico calumniozamente, que diria S. P.? Pois estude a resposta, e entam conhece-rá a diversa razam.

Duodecima propozitam eretica : *A Cartilha chamada do Mestre Ignacio é coiza indigna.* (2) Esta propozitam é tam fora de toda a razam, que nam achando S. P. condigna censura para ela em todas as Bulas dos Papas, inventa uma nova especie de censura, a que chama *dezaforo.* E porque? *porque á quasi dois seculos aprendendo Portugal por ela os misterios da fe, conservouse sem erezias:* esqueceolhe acrescentar, e nam por outra razam, *senam porque aprendeo por ela.*

Primeiramente pergunto a V. P. se os Judeos, e alguns Clerigos, que aqui vi queimar em Lisboa; e todos os mais Judeos, e Erejes, que o Santo Officio costuma castigar quasi todos os anos; estudaram pela Cartilha do Mestre Ignacio? Responderme-á que sim. E eu daqui infiro com evidencia: logo a dita Cartilha nam basta para conservar o reino sem erezias.

Outro argumento: A famosa Congregam da Doutrina Crista instituida por Clemente XI. para propagar, e conservar a Doutrina Crista; mandou, que se servisem da Doutrina do Belarmino, e *Catechismo Romano,* e nam mandou traduzir a doutrina do Mestre Ignacio. A sagrada Con-

(1) *Teolog. tom. 1. q. 3. dub. 7. §. 2. p. m. 191.* (2) *Tom. 2. pag. 238.*

guezafatti de *Propaganda-Fide* em Roma, procurando um *Catechismo* para os seus alumnos instruirem na fé os povos Orientais e nam mandou traduzir o do Mestre Inacio, mas outro. logo é *dezaforo* dizer, que o do M. Inacio é melhor, que os outros, ou tam bom: e tambem é *dezaforo* dizer, que o M. Inacio sabia melhor, que estas duas Congregafoens tudo o que convinha para a propagafam da Religiam Catolica em toda a sua pureza. A iofufam, que V. P. der a estes argumentos, dará o Critico a sua propozifam.

Mas de caminho advirta V. P. que o Critico somente applicou a palavra *indigná* á Cartilha, pelo que lhe faltava para ser um bom *Catechismo*: como se ve claramente desta sua propozifam pag. 293. *Era melhor, que alguns Religiofos em lugar de comporem tantas novenas, e outras coizas efcuradas, compuzesem um breve Cathecismo Iftorico util para a mocidade; porque a chamada Cartilha do Mestre Idacio é coiza indigna.* Mas V. P. com a sua costumada Logica applicou a palavra *indigna* ao que a Cartilha contem, e nam ao que lhe falta. E assim ja que mudou de fupozifam, nam conclue o argumento. Se V. P. lese todo o paragrafo, entenderia logo o sentido, em que falava o Critico: mas esta sinceridade de trato nam é para V. P. como bem tem mostrado nestas suas Reflexoens.

Nifto se comprehende toda a Critica de V. P. e o faco de propozifaoens ereticas, que tinha achado no Critico. E como se foubese o que dife, ou tivefe dito alguma coiza, conclue mui ufano, *que se o Critico quer compor alguma Cartilha livre destes erros, que aqui vam apontados; que a mostre a quem lha possa emendar.* E ifto mesmo applicamos nós oje de todo o corafam a V. P. *que se quer criticar, aprenda primeiro o que aqui lhe infnuamos: e que pesa a alguem, que lhe explique, que coiza fã aque-las materias, de que o Critico fala nas suas Cartas; e especialmente que lhe explique bem, que coiza é Teologia; porque é a faculdade, em que V. P. se acha muito falto de noticias. E em quanto nam fober ifto bem, que se abstenha de falar nas tais materias. E como V. P. nunca estudou mais que quatro postilas furradas de Escolastica; e nunca vio, nem ouvio o que nas ditas Cartas se contem, com mais razam lhe applicamos o feo ver-finho: *Nec Jutor ultra crepidam.**

R E F L E X A M XV.

Instrufam para Confesores, e Mulheres.

V Ofa Paternidade, por nam deixar folha de papel, em que nam metta unha, la foi tambem arranhar a ultima carta; a qual, sem reparar no que denovo ali diz o Critico, chama *Epilogo das antecedentes.* Nella porem fo acha duas coizas, que morder. Primeiro ordena, que os Con-
te-

feiores nam estudem pela Etica, mas pelos Moralistas. A isto ja está respondido.

Alem diso, esquecido do seu instituto, que nada tanto lhe recomenda, como estar longe de mulheres, dezembainha, qual outro D. Quixote, a espada para as defender; e vaza aqui um sacco de erudisam profana, capaz de atemorizar o mesmo Grocio, em que diz coizas bem galantes. Tem medo, de que appareça alguma Filozofia moderna, que ponha em duvida, se as mulheres sam da mesma especie que os omens, sem lhe lembrar, que niso caíram os Antigos, e muitos dos Peripateticos, que lhe chamavam animais imperfeitos, e monstros da natureza. Finalmente asentá que o Critico poem obrigaçoens muito pezadas às mulheres: e especialmente lhe dezagrada aquilo de *menuetes*; porque como S.P. sem saber dançar anda tam tezo, e direito, que parece uma trave ambulante, julga, que o mesmo pode succeder às mulheres; e assim determina, que se nam fale mais em *menuetes*, porque nam é amigo diso.

Quando eu estava em Roma, fui um dia ao *Seminario Romano*, e vi que os PP. Jezuitas, que dirigem aquele Colegio, mandavam dançar os rapazes, e assistiam com eles à dança: e perguntandolhes eu a razam, disseram-me que a dança ensinava a endireitar o corpo, e a caminhar com boa grafa, e saber entrar em uma conversasam, &c. Este exemplo podia provar alguma coiza. Mas V. P. nam gosta de exemplos de Roma, que logo lhe embrulham o estomago.

Concluindo pois ao noso intento, digo, que todos os nosos Padres asentáram que até nesta ultima Reflexam quizestes mostrar a vosa ignorancia, e ouzadia de falar em uma materia que nam entendeis; e tem tocar nos pontos, que devieis tocar, metervos a dizer grafas, e ridicularias. Deixai falar nisto aos Seculares, e tratai de vos encomendar a Deus, e estudar o que deveis.

Com que, meu Fr. Arsenio, de todo este discurso conhecereis a vosa insuficiencia, e total ignorancia de todas as materias, que cenjurais. Conhecereis as infinitas calumnias, que escrevestes contra o Barbadinho, e as muitas injurias, que lhe distes. Conhecereis a injuria, que fizestes ao Reino, e principalmente à nosa Religiam Serafica, publicando esta fatira. Se tendes temor de Deus, caridade do proximo, e vergonha do mundo, deveis retratarvos publicamente, confessando a todo o mundo literario a vosa temeridade, e desculpando-vos de ter feito isto por cabeça alheia.

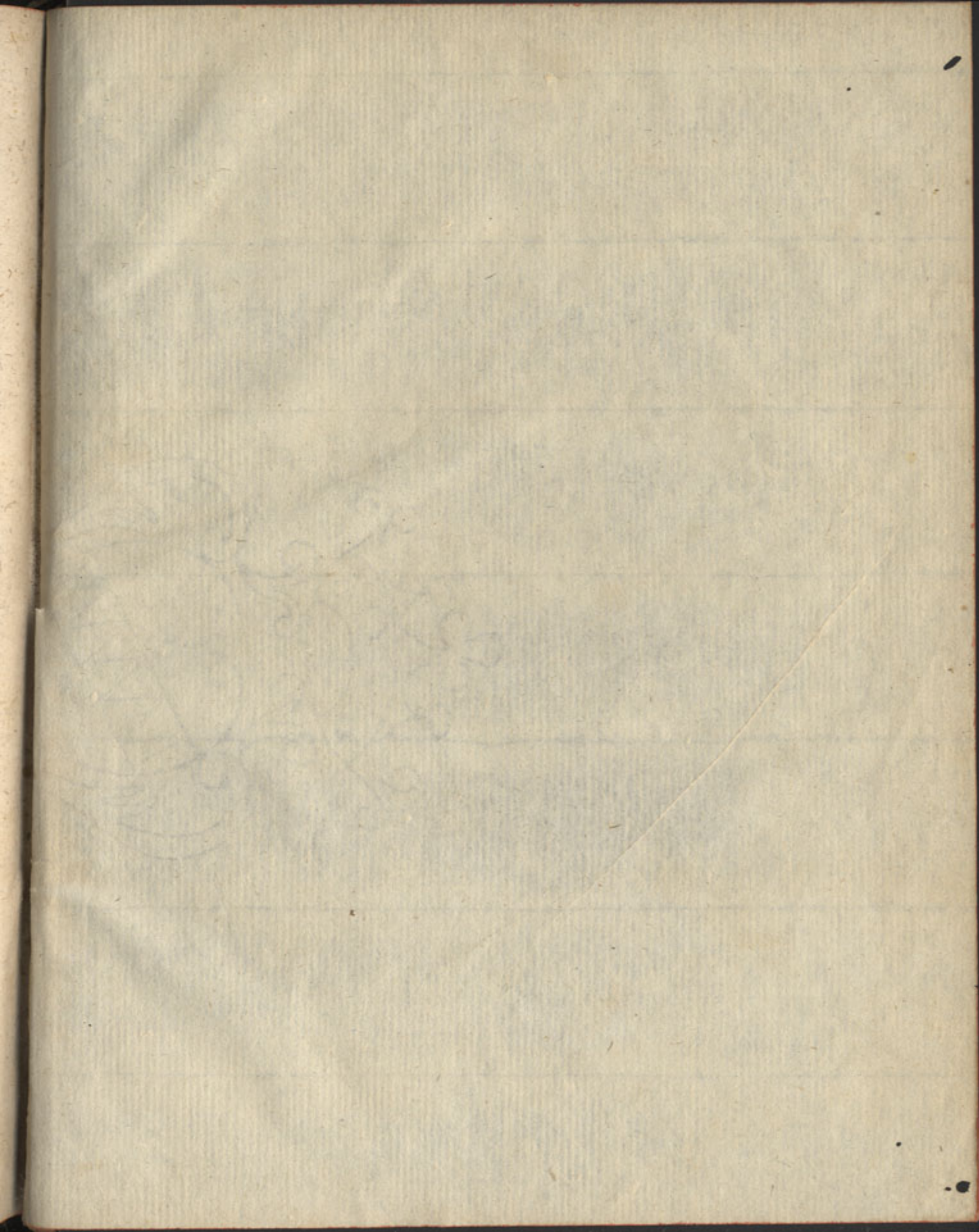
Mas antes que acabe de todo, quero-vos avizar, e nam só a vós, mas tambem a todos os mais do voso jaez, que se persuadem, que a apologia nam é outra coiza mais, que injurias, e invetivas, de que temos o exemplo nestas vosas Reflexoens; que para responder apologeticamente, se requer uma grande ciencia naquele genero, em que se á
de

de criticar. Requer-se um juizo perfeito, e reflexivo, que compreenda, e peze bem todas as circunstancias, e motivos, que teve o Autor, contra quem se faz a Apologia. Requer-se saber com toda a perfeitam todas as regras da *Arte Critica*; a qual por nosos pecados ainda neste Reino nam appareceo. Deve alem diso criticar, e notar o que diz o Autor, sem entrar a falar na sua vida, e costumes, nem nos seus defeitos fizicos, e morais pertencentes a vontade. Este é o defeito, em que geralmente caem todos aqueles, que neste Reino escrevem Apologias, parecendo-lhes, que nam podem criticar, sem satirizar o Autor, descobrindo, e censurando nele todos os defeitos, que ou as tortas, ou as direitas podem descobrir: no que mostram claramente, que ignoram a verdadeira *Arte de criticar*.

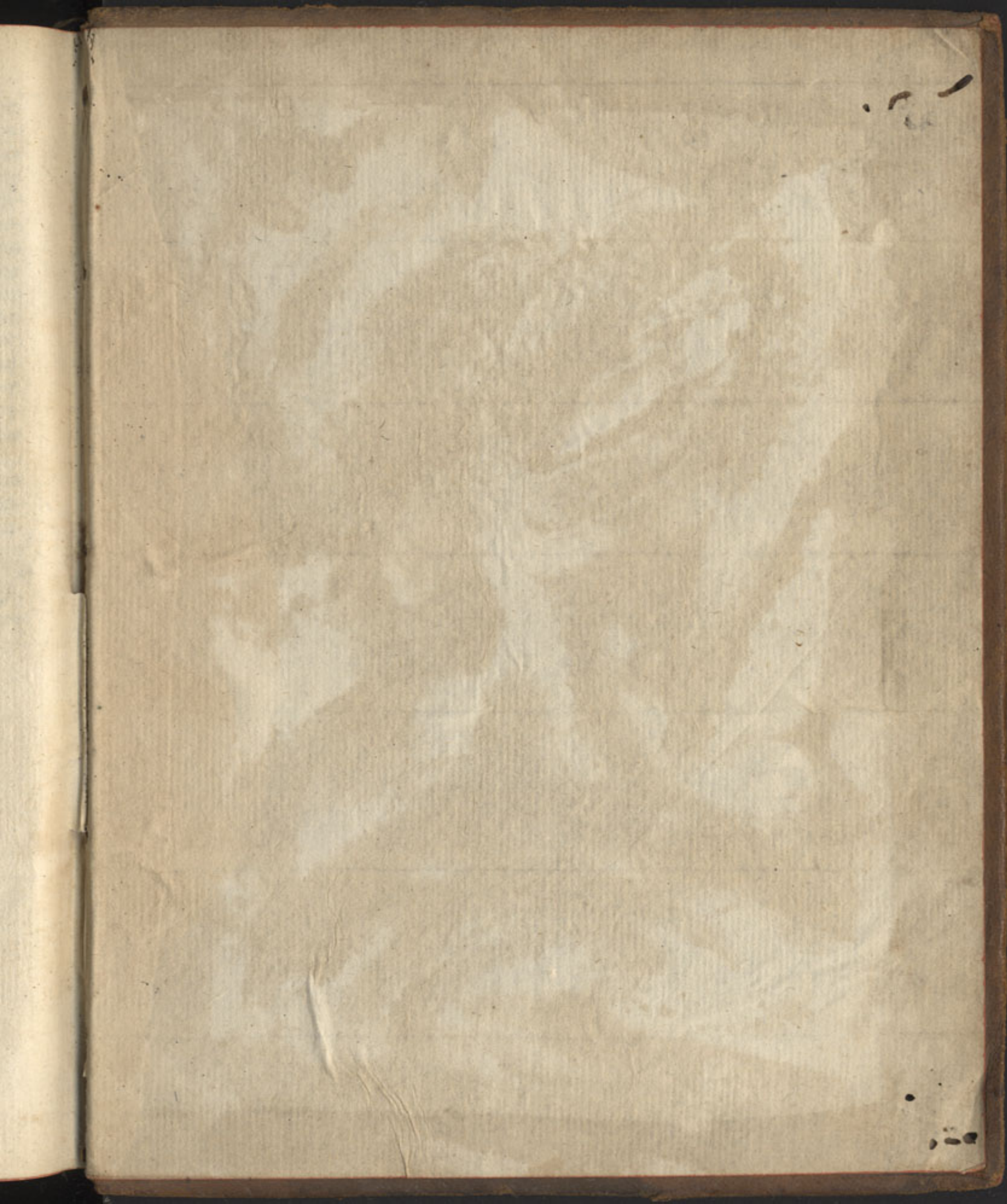
Recebei pois, meu Fr. Arsenio, estes avizos, e conselhos como prova da nosa amizade, e zelo: e reconhecei nisto mesmo a sinceridade, com que vos tratamos. Porque se nam dezessemos cooperar para a vosã estimãsam, e descanço; nam nos cansariamos em vos advertir o que é necessario para evitar disputas perniciozas: e pode ser que com o noso bom modo, e ingenuidade de trato tenhamos ja desviado algum raio, que estava para vos cair em cima. Nós prevemos todas as circumstaecias desta vosã Apologia, ou Satira. Suscitastes contra vós, nam um so, mas muitos adversarios; com grande doutrina; com muitos amigos, e com poder bastante para vos fazerem arrepende. Deus queira que isto pare aqui. Se achardes nesta resposta alguma palavra mais picante, deveis atribui-lo ao furor da disputa; e ao zelo, com que vos falei: e tudo me perdoará a vosã benevolencia, e amizade. Deus vos guarde, &c.

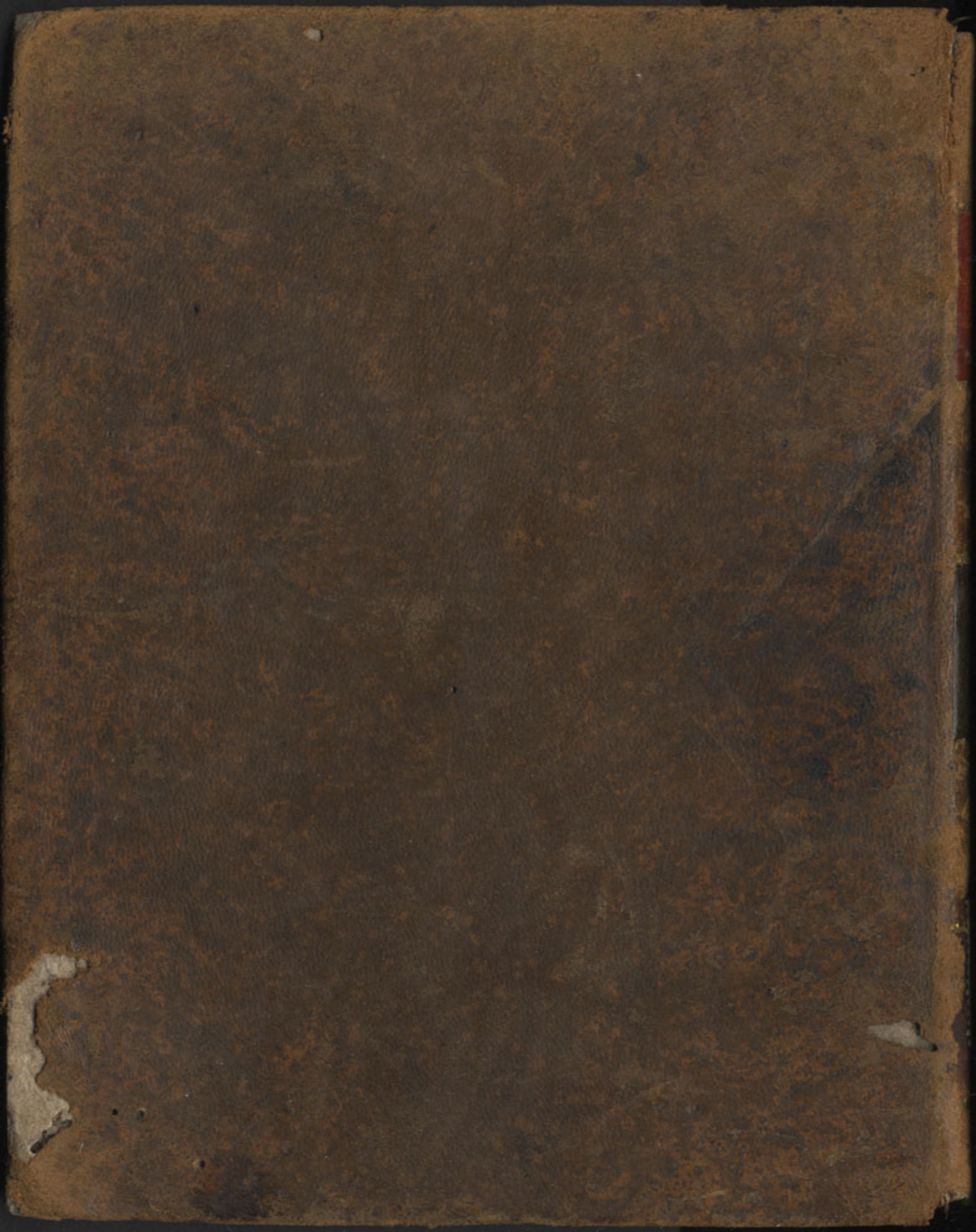
F I M.





F 1 11





METODO
DE
ESTUDAR

2

Sa	CF
Es	C
Ta	4
N	27